
Posicionamento e humanização no jornalismo: análise da iniciativa *Notícia Preta*¹

Alexandre José dos Santos²
Geilson Fernandes de Oliveira³
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

RESUMO

Neste artigo, buscamos refletir sobre o modelo jornalístico alternativo e independente proposto pelas mídias negras antirracistas, que constroem uma comunicação humanizada e decolonial. Para tanto, tomamos como recorte empírico a iniciativa de jornalismo antirracista *Notícia Preta*, fundada em 2018, com vistas a ampliar os olhares sobre o país, além de disputar narrativas em um recorte de raça e classe social. Como parte de um projeto de pesquisa mais amplo, neste texto, voltamos a nossa atenção, especificamente, para a compreensão sobre as perspectivas de atuação da iniciativa supracitada, o que é feito se considerando a realização de uma entrevista estruturada com a sua idealizadora, Thais Bernardes, a qual é analisada a partir dos métodos descritivo e interpretativo. Como resultado, observa-se que essa iniciativa jornalística produz, a partir de seu trabalho e estratégias de funcionamento, novas perspectivas da realidade, contrapondo-se aos veículos convencionais.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; *Notícia Preta*; Jornalismo Independente, Antirracismo, Jornalismo Antirracista.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o modelo de jornalismo independente é praticado desde o século 19, época em que a imprensa oficial passou a se consolidar no país. Essa prática jornalística passou por vários processos de transformações, assumindo o papel de comunicar com ativismo, ou seja, sem vinculação econômica com grandes grupos e com liberdade editorial, contrapondo-se à imprensa hegemônica. Nesse sentido, essas iniciativas jornalísticas se colocam como “vozes de discursos de pontos de vistas diferentes daqueles enunciados pelos conglomerados de mídia e mesmo a veículos menores que enunciam discursos reiteradores da ideologia dominante” (Figaro; Nonato, 2021).

Com a influência da convergência midiática, as iniciativas de mídia alternativa e independente ganharam destaque na atualidade, e as plataformas digitais tornaram-se os principais espaços para a veiculação de informações. A era digital trouxe novas possibilidades para as iniciativas jornalísticas alternativas e independentes, pois, além da redução de custo, o

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 22ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III - Juazeiro/BA. E-mail: josealexandre842@gmail.com

³ Orientador. Doutor em Estudos da Mídia (UFRN). Docente do curso de Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus III – Juazeiro/BA. E-mail: geilsonoliveira@uneb.br

ciberespaço facilita o modo de distribuição e possibilita maior audiência, de modo que seu impacto social seja mais significativo, principalmente no que diz respeito ao público jovem, que possui mais familiaridade com as tecnologias (Carvalho; Bronosky, 2017).

As mídias negras alternativas, portanto, atuam, nesse cenário como agentes difusores da realidade da população negra, visibilizando os saberes socioculturais desse grupo social e tornando possível uma comunicação mais humanizada e sensível, afastando-se do fazer jornalismo imposto pelos meios hegemônicos, que reproduzem preconceitos e desigualdades, alicerçados pela objetividade jornalística que interfere nos critérios de noticiabilidade, em que os interesses financeiros da elite política e econômica se sobrepõem ao direito à dignidade humana (Ijuim, 2023). A esse respeito, Ijuim (2023; 2017) aponta que, ao ignorar o fenômeno social dos acontecimentos, a construção da notícia moldada pela racionalidade e objetividade direciona a imprensa para a constituição de critérios que privilegiam o imediato, ao invés da reflexão sobre a profundidade das questões sociais.

Em contrapartida, o jornalismo humanizado, produzido pelas iniciativas antirracistas, é praticado ao posicionar o ser humano como ponto de partida e chegada da notícia, atentando-se à complexidade dos fenômenos sociais e buscando comunicar sobre e com o *outro* (Ijuim, 2017). Essa maneira de comunicar adotada pela imprensa alternativa negra, constitui um jornalismo que busca constituir-se livre de estereótipos e problematizador das desigualdades, sendo autocrítico, considerando que toda a população é importante, visibilizando seus saberes e valores socioculturais.

O ato de humanizar, no jornalismo, deve, portanto, ser pensado e executado pelo profissional da área, desde o processo de apuração do fato, escolha das fontes até a veiculação da notícia, a fim de levar em consideração todas as complexibilidades que envolvem a pauta. Entretanto, para que isso seja executado, o componente ético- epistemológico que guia os jornalistas precisam passar pelo processo de decolonização, com o intuito de incorporar as múltiplas dimensões que envolvem os direitos humanos, uma vez que para que ocorra a humanização do jornalismo, antes, é necessário humanizar os jornalistas (Moraes; Ijuim, 2023).

Nesse contexto, este artigo tem como objetivo analisar a iniciativa jornalística antirracista *Notícia Preta*, tendo como base uma entrevista realizada com a fundadora do veículo, Thais Bernardes, a fim de entender, especificamente, sobre as perspectivas de atuação da iniciativa supracitada, observando como, a partir disso, são construídas novas formas de

visibilidades e dizibilidades (Albuquerque Júnior, 2009) acerca da realidade da população negra.

A escolha pela iniciativa *Notícia Preta* como objeto de estudo se deu a partir da necessidade de buscar compreender o modo de funcionamento de um veículo alternativo e antirracista criado e produzido pela/para a população negra, que historicamente foi colocada em um espaço de silenciamento e subalternização. Dessa forma, apropriando-se das tecnologias para amplificar vozes, essa iniciativa atua no sentido de desconstruir imaginários e visibilizar narrativas antirracistas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa é parte de uma investigação mais ampla, realizada com base em uma abordagem qualitativa que, segundo Cardano (2017), constitui-se da necessidade de adentrar a complexibilidade dos fenômenos da pesquisa social, atentando-se aos detalhes. Os fundamentos desta pesquisa baseiam-se em princípios teóricos e metodológicos que reforçam a busca pela compreensão contextualizada dos fenômenos, a valorização da subjetividade e diversidade de perspectivas, além de oferecer flexibilidade e adaptabilidade no processo de pesquisa (Guerra et al., 2024).

Como métodos de procedimento, foram adotados a pesquisa exploratória, tendo em vista a necessidade de se adentrar e conhecer o campo de análise, seguido pelo uso do método descritivo, considerando a relevância de descrever detalhadamente o objeto empírico de análise, articulado, ainda, com o método interpretativo, momento em que são produzidas as reflexões, inferências e análises (Marconi; Lakatos, 2007).

Esse processo é articulado com a pesquisa bibliográfica, essencial para a construção de bases teóricas, epistemológicas e metodológicas. A pesquisa bibliográfica refere-se ao levantamento de estudos teóricos já publicados, considerando-se um processo fundamental para que o pesquisador se aproprie dos fundamentos teóricos a respeito do tema estudado e sintetize o material que será analisado (Sousa et al., 2021).

Para o desenvolvimento deste artigo, considerando o seu recorte, além dos procedimentos metodológicos apontados e utilizados na pesquisa de uma maneira mais ampla, como técnica para a coleta de dados, foi realizada entrevista do tipo estruturada (Duarte, 2004), junto a idealizadora da iniciativa *Notícia Preta*, Thais Bernardes, além da análise de duas publicações do portal, que destacam o seu caráter posicionado e antirracista.

JORNALISMO ALTERNATIVO, INDEPENDENTE E ANTIRRACISTA

Classifica-se como jornalismo alternativo aquele que atua na produção de informações jornalísticas a partir de modelos alternativos e distintos do jornalismo tradicional ou “de referência”. Esse tipo de jornalismo, geralmente, também prioriza pautas que não fazem parte da rotina produtiva da mídia convencional, por meio da construção de narrativas que valorizam as múltiplas vozes classificadas como subalternas na sociedade. Portanto, a mídia alternativa “é fruto da incapacidade do jornalismo convencional em assegurar, de fato, um espaço público, uma vez que está condicionado pelos seus interesses particulares ou pela sua dependência governamental” (Carvalho; Bronosky, 2017, p. 31).

Salienta-se que existe uma distinção entre jornalismo alternativo e independente. O jornalismo independente é caracterizado pela sua autonomia editorial, política e financeira, além da independência em relação a grupos empresariais. Entretanto, essa independência nem sempre irá abordar temáticas a partir de uma perspectiva dialética da realidade (Carvalho; Bronosky, 2017). Por sua vez, o jornalismo alternativo, tendo como base o tradicional, propõe um modelo alternativo - como o próprio nome indica - seja em relação ao modelo de negócio, forma de funcionamento, editorial, visão política, etc. Portanto, nem todo jornalismo alternativo é considerado independente, em contrapartida, geralmente todo jornalismo independente é classificado como alternativo.

Com efeito, essa prática jornalística (jornalismo alternativo e independente), geralmente faz uso da subjetividade (Moraes, 2019) para a construção de novas visibilidades e dizibilidades acerca de populações socialmente minorizadas, com o intuito de construir uma comunicação mais humanizada, em que os acontecimentos são abordados a partir de suas singularidades, em que as pessoas passam a ser o ponto central da narrativa jornalística.

Segundo Moraes (2022), o uso da subjetividade na prática jornalística, principalmente em abordagens que privilegiam o diálogo, o confronto e a reflexividade, permite-nos reconhecer os preconceitos e as limitações na produção jornalística dos meios hegemônicos. Essa subjetividade, proposta no jornalismo, é construída ao se atentar ao ser humano como ponto de partida para a interpretação da realidade. Dessa maneira, o jornalismo de subjetividade situa-se “[...] em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados” (Moraes; Silva, 2019).

Para que esse modelo de jornalismo seja posto em prática, é necessário que o jornalista adote os atributos que possibilitam uma comunicação mais humanizada, dessa forma, o jornalista deve passar “[...] por um processo de reflexão constante e um esforço para amadurecimento, procurar esvaziar-se de preconceitos, de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir” (Ijuim, 2023, p. 85).

Nesse contexto, as mídias negras alternativas e independentes produzem jornalismo antirracista, atuando como um instrumento de decolonialidade e propondo novas narrativas sobre a população negra. A decolonialidade pode ser entendida como “[...] uma luta que busca alcançar não uma diferente modernidade, mas alguma coisa maior do que a modernidade” (Bernardino Costa; Maldonado Torres; Grosfoguel, 2018, p. 41). Assim, a decolonialidade é uma luta que contrapõe e questiona a colonialidade e os seus efeitos. Nesse sentido, essa prática, alinhada ao jornalismo, “questiona narrativas únicas e a construção de imagens estereotipadas sobre pessoas negras” (Andrade; Veloso, 2023, p. 167).

Essas iniciativas antirracistas buscam combater o racismo e as múltiplas formas de opressão originadas pelo sistema colonial de dominação histórica, que ainda se manifesta por meio das estruturas sociais, além de visibilizar as vozes historicamente subalternizadas e questionar hierarquias sociais promovidas pela mídia hegemônica (Andrade; Veloso, 2023). A iniciativa *Notícia Preta*, analisada nesta pesquisa, se enquadra nessa *Outra* forma de se fazer jornalismo, construindo uma comunicação antirracista que visa combater o racismo e a colonialidade, entendida “[...] como princípio organizador da ideia de raça e suas consequências interseccionais” (Andrade; Veloso, 2023, p. 174).

ANÁLISES E DISCUSSÕES

Notícia Preta é uma iniciativa de jornalismo independente, conforme autodefinição, fundada em 2018, que surgiu com o intuito de ampliar o olhar sobre o país, além de disputar narrativas em um recorte de raça e classe social. Comprometendo-se com o jornalismo factual, feito com rigor, profundidade e responsabilidade social, se propõe a retratar o país de forma honesta, plural e sensível à complexidade das desigualdades brasileiras⁴.

Essa mídia negra atua como agente descolonizadora da realidade, produzindo notícias em que o povo negro é o ponto central da informação, tomando a subjetividade como parte dos critérios editoriais na produção de informações. Nesse sentido, busca desconstruir o

⁴ Conforme disponível em: <https://noticiapreta.com.br/quem-somos/> Acesso em: 09 mar. 2026.

imaginário estereotipado e criminalizante a respeito da população negra, imagem essa que é reforçada e divulgada por meio dos veículos hegemônicos, alicerçados na objetividade jornalística.

Em suas publicações (imagens 1 e 2), *Notícia Preta* reforça o papel de um jornalismo posicionado e engajado com as questões raciais. Esse aspecto pode ser percebido logo nos títulos: “A Liberdade não chegou para todo mundo,” diz Vini Jr ao lançar escritório antirracista” (Notícia Preta, 2026, imagem 1); e “Torcedor é preso na Espanha por ataque racista contra Vini Jr.” (Notícia Preta, 2026, imagem 2).

Imagens 1 e 2 – Posts *Notícia Preta*



Fonte: *Prints* produzidos pelos autores a partir de publicações realizadas pela *Notícia Preta* em 14 de Maio e 16 de Junho de 2026.

Na primeira publicação (imagem 1), é abordada uma iniciativa realizada pelo jogador de futebol Vini Jr, que anuncia a criação de um escritório de advocacia direcionado ao combate ao racismo no Brasil. A segunda publicação (imagem 2), por sua vez, reporta um ato de justiça que ocorreu após um episódio de racismo envolvendo o atacante Vini Jr. em uma partida de futebol na Espanha. O suspeito foi filmado fazendo comentários racistas no Estádio Metropolitano, pronunciando expressões como “chimpanzé” e “macaco”. Essas postagens evidenciam o compromisso da mídia antirracista para com a população, ao evidenciar pautas fora do contexto normativo dos meios hegemônicos, buscando relatar os fatos a partir de um olhar decolonial e construindo, nesse processo, uma comunicação mais humanizada e comprometida com a sociedade. Nota-se ainda, que as postagens atuam como instrumento de

descolonização propondo novas narrativas sobre a população negra, que por muito tempo foram silenciados e tiveram sua imagem distorcida pela mídia hegemônica. Em virtude disso, as mídias negras, a exemplo do *Notícia Preta*, propagam a verdadeira realidade desse grupo social, sem reproduzir estereótipos ou discriminação no ato de comunicar, visando construir novas abordagens que reafirmam o papel desse jornalismo alicerçado na subjetividade e engajado e posicionado na cobertura de pautas raciais. Nesse caso, as iniciativas antirracistas “desafiam a geopolítica do conhecimento ao deslocar o *locus* de enunciação para sujeitos e coletivos historicamente marginalizados, assumindo uma postura explícita de denúncia e transformação social” (Santos, 2025, p. 4).

Visando entender melhor a história da iniciativa e os seus processos de produção de notícias, entrevistamos a idealizadora do *Notícia Preta*, Thais Bernardes. Em relato, a representante da iniciativa destacou o motivo da sua criação:

O *Notícia Preta* nasceu em 2018, inicialmente como um portal digital, a partir da necessidade de criar um espaço jornalístico onde a população negra fosse retratada em sua complexidade e com foco em direitos humanos, política e economia. Afinal, a pauta racial é transversal e entender sobre esses temas é fundamental. O NP surge como uma resposta prática a uma ausência concreta na mídia brasileira (Bernardes, informação verbal, 2026).

Como resposta a uma necessidade, como colocado por Bernardes (informação verbal, 2026), a partir da observação da iniciativa (em relação ao seu portal e redes sociais), nota-se uma atuação ativa do *Notícia Preta*, que publica conteúdos diariamente no site e *Instagram*. Ao mesmo tempo, se percebe a exploração das múltiplas ferramentas e linguagens digitais, para que possam alcançar diferentes públicos, mantendo os princípios do fazer jornalístico antirracista, se atentando para não reproduzir as abordagens da mídia convencional. Thais Bernardes, idealizadora da iniciativa, explica quais lacunas estão presentes da cobertura jornalística dos veículos hegemônicos e quais princípios são adotados para diferenciar-se na produção:

A principal lacuna é a abordagem. A população negra aparece majoritariamente como estatística de problema social. Nós partimos do princípio de que a população negra também é fonte de solução, inovação, pensamento e potência econômica. Mudamos a lente: menos exotização, menos criminalização, mais protagonismo, contexto e complexidade (Bernardes, informação verbal, 2026).

No portal, além de se pautar a temática racial, também são noticiados outros temas relacionados ao cotidiano da população. Em sua fala, Thais Bernardes relata os critérios de noticiabilidade utilizados pela iniciativa:

Observamos temas que impactam diretamente a vida da população brasileira, especialmente das maiorias sociais, mas que recebem pouca atenção qualificada na mídia. Também acompanhamos tendências culturais, econômicas e tecnológicas. Nosso critério é relevância pública, não apenas viralização (Bernardes, informação verbal, 2026).

O trabalho dessa iniciativa jornalística antirracista é um marco de resistência decolonial, a qual atua no sentido de desconstruir o imaginário coletivo da sociedade acerca da população negra. Nessa perspectiva, entende-se que a produção de discursos dessa mídia busca viabilizar vivências e experiências que, historicamente, foram vistas por vieses estereotipados e estigmatizantes, além de problematizar certos enquadramentos, com o intuito de mostrar um outro olhar e evidenciar a pluralidade característica da população negra (Oliveira; Oliveira, 2024).

Thais Bernardes também informa, a partir da entrevista, sobre a diversidade de públicos que a iniciativa vem alcançando:

Nosso público é amplo e diverso, com forte presença de mulheres negras adultas, mas não falamos apenas para a população negra. 42% dos nossos leitores se declaram brancos. Falamos para quem quer compreender o Brasil real. Adaptamos formatos: texto, vídeo, podcast, carrossel, linguagem direta e didática, sem simplificar o conteúdo (Bernardes, informação verbal, 2026).

O *Notícia Preta* é um veículo posicionado contra a discriminação da população negra e utiliza a subjetividade para propagar as realidades deste grupo étnico-racial, tendo em vista a necessidade de criar novas narrativas, decoloniais, para visibilizar seus saberes socioculturais. Thais Bernardes aponta sobre o método utilizado pela iniciativa para escolha das pautas:

Observamos temas que impactam diretamente a vida da população brasileira, especialmente das maiorias sociais, mas que recebem pouca atenção qualificada na mídia. Também acompanhamos tendências culturais, econômicas e tecnológicas. Nosso critério é relevância pública, não apenas viralização (Bernardes, informação verbal, 2026).

Essa mídia negra antirracista atua, nesse sentido, como um mecanismo de resistência e auxilia na “libertação das consciências de nossos ancestrais afrobrasileiros que se aquilombaram para se proteger e nos deixar um exemplo de como resistir à dominação e à

exploração” (Andrade; Veloso, 2023, p. 178). Bernardes menciona, nesse contexto, sobre os cuidados que são considerados fundamentais para garantir uma comunicação que não reproduza a desumanização dos corpos negros:

Contextualização é central. Não publicamos dados sem explicar estruturas. Evitamos imagens e linguagem que reforçam estigmas. Buscamos diversidade de fontes, prioridade para especialistas negros, e revisão constante de abordagem. Além disso, entendemos que jornalismo responsável não é neutro diante da desigualdade, é preciso rigor e consciência (Bernardes, informação verbal, 2026).

O uso da subjetividade se faz presente desde o processo de apuração da pauta até a forma de escrita sobre o fato. Para Moraes (2019), a prática da subjetividade, no jornalismo, busca um modo de apreensão da realidade que se abstém da espetacularização ou exotização dos fatos, se interessando pelos acontecimentos banais do cotidiano, haja vista a sua complexidade. Evidenciando o que George Perec (apud Moraes, 2019, p. 15) chama de “endótico” - relativo à manifestações corriqueiras, porém, não abordadas ou percebidas, as quais se tornam invisíveis para a população. Thais Bernardes ressalta em suas falas sobre a diferenciação da cobertura jornalística realizada pelos meios hegemônicos, alicerçados na objetividade dominante, e a iniciativa antirracista, que preza por visibilizar e ecoar a voz do povo negro e suas complexibilidades, apresentando a subjetividade como eixo essencial para a construção e propagação da informação, sem que, no entanto, se perca o objetivo principal do jornalismo: a informação de qualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para decolonizar o jornalismo, é necessário que o jornalista assuma uma atitude decolonial, se colocando como pensador, criador e problematizador da realidade, a fim de visibilizar a verdadeira realidade da sociedade, através da produção de informações sobre as populações categorizadas como subalternas.

Nesse sentido, as mídias negras, tendo como base a iniciativa *Notícia Preta*, atuam como agentes decoloniais, ao se apropriarem da decolonialidade como critério editorial em suas produções, o que se explicita por meio da análise de dois *posts* e entrevista realizada e analisada neste trabalho. A partir da entrevista apresentada, nota-se a importância de compreendermos o processo de criação da iniciativa, que surgiu por meio de uma inquietação social acerca da construção da imagem da população negra propagada na mídia convencional,

a fim de criar uma comunicação humanizada e diversa, buscando alcançar não apenas um determinado grupo, mas a sociedade como um todo.

Assim, o jornalismo antirracista produzido questiona as estruturas de poder, alicerçadas historicamente em processos de desumanização, denuncia as desigualdades sociais e dissemina novas narrativas de resistência na sociedade contemporânea, informando os indivíduos sobre a diversidade da população, promovendo visibilidades e dizibilidades outras.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4.ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ANDRADE, A. O.; VELOSO, M. S. F. Que o giro se faça roda: o jornalismo antirracista das mídias negras como movimento circular e decolonial. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 10, e121880, p. 165-182, 2023.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CARVALHO, G.; BRONOSKY, M. E. Jornalismo alternativo no Brasil: do impresso ao digital. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, v. 4, n. 1, p. 21–39, 2017.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, [S. l.], v. 20, n. 24, p. 213–225, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2216>. Acesso em: 9 jul. 2025.

FIGARO, R.; NONATO, C. (Orgs.). **Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: organização, sustentação e rotinas**. São Paulo: ECA-USP: Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2021.

GUERRA, A. L. R. et al., Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, [S. l.], v. 15, n. 7, 2024.

IJUIM, J. K. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, 31 (78): 235-243, setembro-dezembro, 2017.

IJUIM, J. K. Apontamentos sobre a emergência de decolonizar o Jornalismo. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 76-93, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.

MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, jan./jun. 2019

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Arquipélago Editorial, 2022.

MORAES, F.; IJUIM, J. K.; Repensar a "humanidade": limites de um conceito na imprensa e apontamentos para superar a desumanização. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 22, n. 42, 2023.

MORAES, F.; SILVA, M. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **Encontro Anual da COMPÓS**, v. 28, 2019.

OLIVEIRA, P. R. R. D.; OLIVEIRA, G. F. Jornalismo Preto e a Emergência de Discursos Antirracistas nas Mídias Digitais. In: **Anais do VI Colóquio Internacional Mídia e Discurso na Amazônia**, v. 6, p. 373-384, 2024.

SANTOS, A. J.; FREIRE, F. E. I.; OLIVEIRA, G. F. O Jornalismo Alternativo na cobertura e problematização do caso Luighi Hanri: Análise a partir do Alma Preta e Notícia Preta. In: **Anais do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Vitória, 2025.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.